



## Representações de adolescência em famílias de baixa renda e pouca visibilidade social

### Resumo

O referido artigo trata dos inúmeros acontecimentos e experiências que marcam a trajetória das famílias. A adolescência marca uma dessas fases. As crianças vivenciam diversas mudanças em áreas como percepção corporal, questionamento dos valores transmitidos pelos pais. Tais transformações acarretam mudanças significativas na relação com os pais e com o grupo social mais amplo em que a família está inserida. As forças homeostáticas e transformadoras se chocam para proporcionar à família meios de recuperar o equilíbrio nesta fase do ciclo vital. Essas forças encontram insumos na elaboração da representação social do que é a adolescência para cumprir o seu papel dentro do sistema. As representações sociais são formas de interpretar a realidade por meio de modalidades de conhecimento que surgem no senso comum e são elaboradas socialmente. Nas famílias cujo acesso à informação, à educação e à cultura é facilitado pela situação econômica e pelo nível de escolaridade dos pais, as representações sociais sobre a adolescência têm maior probabilidade de serem reformuladas. Isto acontece devido ao amplo universo simbólico ao qual os membros do sistema têm acesso. As forças transformadoras, por sua vez, atuam para fornecer aos membros do sistema os meios para se adaptarem e recuperarem a estabilidade.

**Palavras-chave:** Família, Adolescência, Visibilidade Social, Representações Sociais.

## Representaciones de la adolescencia en familias de bajos ingresos y con poca visibilidad social.

### Resumen

Este artículo aborda los innumerables acontecimientos y experiencias que marcan la trayectoria de las familias. La adolescencia marca una de estas fases. Los niños experimentan varios cambios en áreas como la percepción corporal y el cuestionamiento de los valores transmitidos por sus padres. Estas transformaciones conducen a cambios significativos en la relación con los padres y el grupo social más amplio en el que se inserta la familia. Las fuerzas homeostáticas y transformadoras chocan para brindar a la familia los medios para recuperar el equilibrio en esta etapa del ciclo vital. Estas fuerzas encuentran insumos en la elaboración de la representación social de lo que es la adolescencia para cumplir su papel dentro del sistema. Las representaciones sociales son formas de interpretar la realidad a través de modalidades de conocimiento que surgen del sentido común y son socialmente elaboradas. En familias cuyo acceso a la información, la educación y la cultura se ve facilitado por la situación económica y el nivel de educación de los padres, es más probable que se reformulen las representaciones sociales sobre la adolescencia. Esto sucede debido al amplio universo simbólico al que tienen acceso los miembros del sistema. Las fuerzas transformadoras, a su vez, actúan para proporcionar a los miembros del sistema los medios para adaptarse y recuperar la estabilidad.

**Palabras clave:** Familia, Adolescencia, Visibilidad Social, Representaciones Sociales.



---

## Representations of adolescence in low-income families with little social visibility

### Abstract

This article deals with the countless events and experiences that mark the trajectory of families. Adolescence marks one of these phases. Children experience several changes in areas such as body perception and questioning of the values transmitted by their parents. Such transformations lead to significant changes in the relationship with parents and the broader social group in which the family is inserted. Homeostatic and transformative forces collide to provide the family with the means to regain balance at this stage of the life cycle. These forces find input in the elaboration of the social representation of what adolescence is to fulfill their role within the system. Social representations are ways of interpreting reality through modalities of knowledge that arise in common sense and are socially elaborated. In families whose access to information, education and culture is facilitated by the parents' economic situation and level of education, social representations about adolescence are more likely to be reformulated. This happens due to the broad symbolic universe to which members of the system have access. Transformative forces, in turn, act to provide system members with the means to adapt and regain stability.

**Keywords:** Family, Adolescence, Social Visibility, Social Representations.



## INTRODUÇÃO

Inúmeros eventos e experiências marcam a trajetória das famílias. Os modos como eles a afetam, como elas os interpretam e reagem a eles impõem transformações que caracterizam etapas, de certo modo, ordinárias na vida familiar, delineando o ciclo vital na família (CEVERNY; BERTHOUD, 2003). A adolescência marca uma dessas etapas por ser um período em que os filhos experimentam diversas mudanças em esferas tais como a percepção do corpo, o questionamento de valores transmitidos pelos pais, a busca por independência, a interrogação sobre a identidade e sobre a sexualidade, entre outras. Tais transformações acarretam alterações significativas na relação com os pais e com o grupo social mais amplo no qual a família está inserida.

Esta etapa do ciclo familiar, denominada por Ceverny e Berthoud (2008) de “famílias com filhos adolescentes”, normalmente é marcada por afetos de ordem diversa, os quais geram desestabilizações do sistema familiar (BEJA, 2010). Da perspectiva das mães, interesse deste artigo, por um lado, a instabilidade do sistema familiar gera angústia e insegurança, pois o desconhecido e o imprevisível da adolescência assustam, surpreendem. Por outro lado, é nessa fase que os filhos alcançam realizações, como a conclusão de alguma etapa escolar, a descoberta do amor e do sexo e, em alguns casos, o primeiro trabalho, normalmente gerando nos pais orgulho e aprovação. Ademais, a adolescência dos filhos muitas vezes coincide com a ascensão profissional dos pais; com impasses na conjugalidade provenientes de diversos fatores, como a rotina, por exemplo; e com o envelhecimento dos avós, exigindo a reorganização da família nuclear. É inegável, portanto, que tantas mudanças e desafios tornam o sistema familiar e suas relações vulneráveis. Consequentemente, forças homeostáticas e transformadoras se digladiam para prover à família meios de reencontrar o equilíbrio nessa fase do ciclo vital.

Essas forças encontram na elaboração da representação social do que seja a adolescência insumos para cumprir seu papel dentro do sistema. As representações sociais, conceito formalizado por Moscovici em 1976, são formas de interpretar a realidade por meio de modalidades de conhecimento que nascem no senso comum e são elaboradas socialmente, por meio da linguagem, no sentido de conferir sentido, formar ideias e agir sobre o mundo e seus objetos. A possibilidade dos pais, particularmente as mães, recorrerem às memórias de suas experiências como adolescentes, terem acesso a informações legitimadas pela ciência, compreenderem melhor a importância dessa fase e a relevância dos eventos e conflitos que a caracterizam para a passagem desses jovens para a vida adulta normalmente auxiliam as famílias a vivenciarem essa etapa do ciclo vital.

Em famílias cujo acesso à informação, educação e cultura é facilitado pela situação econômica e pelo grau de escolaridade dos progenitores, as representações sociais sobre a adolescência têm mais chances de serem reelaboradas. Isso acontece devido ao amplo universo simbólico ao qual os membros dos sistemas têm acesso. Assim, a experiência da adolescência pode ser amenizada devido ao diálogo, que tende a ser mais franqueado; à ajuda profissional no campo da psicologia ou proveniente de pessoas que possam aconselhar as famílias; ao suporte que a escola possivelmente ofereça; às leituras sobre o tema, enfim, todo um campo de linguagem e cultura disponível que oportuniza a ressignificação da adolescência nas famílias.



Entretanto, em famílias de baixa renda e pouca visibilidade social, o leque de possibilidades simbólicas de significação e de ressignificação das representações sociais sobre a adolescência é extremamente reduzido, pois o acesso dessas famílias à educação, aos serviços de assistência social e psicológica, a espaços de troca de ideias é precário. De fato, pouco se sabe sobre os efeitos da adolescência dos filhos no desenrolar do ciclo vital de famílias dessa faixa social e econômica no Brasil, sob a perspectiva sistêmica.

Há pouquíssimos trabalhos que as tem como foco de suas pesquisas nos últimos anos. Uma pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da CAPES e na base Scielo revelou a inexistência de pesquisas sobre este tema, com foco nesse público no Brasil, filiadas à Teoria Sistêmica, na Psicologia, de 2017-2021. Os termos usados nos instrumentos de busca foram: adolescência – ciclo vital – sistêmica. Os trabalhos mais relevantes foram a dissertação de Silva (2003), que, por meio da Teoria Sistêmica, discutiu o ciclo vital em famílias de baixa renda no estado de São Paulo no início dos anos 2000, mas não abordou a adolescência especificamente. O livro de Fávero, Vitale, Batista (2008), que, embora aborde a temática de famílias com filhos na infância e na adolescência em situação de abrigados, não contempla a perspectiva dos pais, mas, sim, a discussão social mais ampla. Por fim, o artigo de Bucci (2020), que, apesar de ser mais recente, adota uma perspectiva reflexiva sobre as formas de representação da adolescência em geral no sistema familiar, sem considerar um contexto social específico e sem escutar os mais interessados na questão: os membros da família. Ainda que esses trabalhos lancem alguma luz sobre como a adolescência é compreendida e significada em famílias de baixa renda e com pouca visibilidade social, em nenhum deles se deu voz aos pais, em especial às mães, para saber como eles representam esse evento tão significativo na vida das famílias.

Intencionando escutar essas famílias, conduzimos uma breve incursão em alguns assentamentos da cidade de Uberlândia, MG. Convidamos as mães ou avós de dez famílias uni ou biparentais a gravarem entrevistas, transcritas parcialmente de acordo com o foco aqui almejado, sobre como enxergam a adolescência. Nossa pergunta norteadora do roteiro da entrevista semiestruturada buscava compreender como essas famílias representam seus filhos adolescentes e a adolescência. Tratou-se, portanto, de uma pesquisa de base qualitativa e interpretativista (FLICK, 2004). Nossa hipótese é de que a incompreensão quanto à particularidade da adolescência, às necessidades afetivas, cognitivas e psíquicas dos adolescentes; e as condições de vida dessas famílias, muitas vezes, acirram a distância entre as mulheres com função materna e filhos e filhas que já caracteriza esta etapa, tornando-a ainda mais conflituosa e gerando efeitos sociais indesejados, tais como gravidez precoce, automutilações, envolvimento com substâncias aditivas e criminalidade, dentre outros.

Devido ao escopo reduzido a que um artigo se presta e por ele relatar os resultados de um esboço de projeto de pesquisa, nosso objetivo, no presente trabalho, está circunscrito a inventariar e discutir algumas das representações sociais sobre a adolescência que compõem o imaginário das mães e avós dessas famílias de baixa renda e de pouca visibilidade social que vivem em assentamentos na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Pretendemos discutir os modos como a adolescência é representada, a fim de prover material que contribua para futuros estudos sobre os efeitos dessas representações no ciclo vital de famílias situadas nesse extrato social.



Embora não tenha sido conduzida uma pesquisa extensa, com um escopo de famílias maior e provendo um tratamento mais acurado às transcrições das entrevistas do ponto de vista interpretativista, esperamos que este artigo suscite mais trabalhos sobre o tema, de modo a prover a famílias desse extrato social maior visibilidade quanto a especificidade dos conflitos que enfrentam, devido à sua situação econômica. Na mesma direção, a análise das representações de adolescência no imaginário das mães e avós desse grupo social poderá lançar luz para que profissionais do campo da psicologia e da assistência social compreendam melhor o universo simbólico que embasa as interações em famílias com esse perfil.

## MÉTODO

Por se tratar de uma rápida incursão investigativa dada em um esboço de projeto de pesquisa, no início de 2022, a breve pesquisa que resultou neste artigo levantou o contato de dez mães de adolescentes que moram em assentamentos na cidade de Uberlândia e que possuíam celulares com acesso à internet. As famílias poderiam ser uni ou biparentais. Os contatos foram conseguidos por meio de líderes comunitários ou agentes sociais, que, procurados pela pesquisadora, fizeram um primeiro contato com possíveis interessadas. Por se tratar de uma pesquisa piloto qualitativa de caráter interpretativista, não nos interessava entrevistar muitas pessoas, uma vez que estávamos preocupados com o entendimento dos sentidos atribuídos pelos participantes à adolescência e não com a frequência de dados (FLICK, 2004).

Simultaneamente, elaboramos um roteiro de entrevista semiestruturada, pois devido ao caráter social e subjetivo das representações, julgamos que esse dispositivo metodológico permitiria a instauração de um espaço ético de atenção e cuidado entre participante e pesquisador (ORNELLAS, 2011), além de permitir a expressão mais livre e espontânea dos participantes. Afinal, nossa intenção ofertar uma escuta às vozes que constituem o sistema de crenças e valores das mães sobre a adolescência e não fornecer opções pré-estabelecidas, como aconteceria caso aplicássemos um questionário. Outra contribuição desse instrumento é permitir a fala livre, tanto por parte do participante como do pesquisador. Assim, ao percebermos que um determinado aspecto suscitado por uma pergunta do roteiro repercutia em um aprofundamento do participante sobre as representações de adolescência, formulávamos derivações daquela questão. As perguntas do roteiro da entrevista semiestruturada abordam tanto percepções pessoais como sociais da adolescência, as relações mãe-filho(a) adolescente, família-adolescentes.

Fizemos uma primeira abordagem via mensagem enviada pelo aplicativo WhatsApp, explicando a pesquisa em linhas gerais e perguntando sobre a disponibilidade de tempo para que pudéssemos conversar sobre a adolescência dos filhos. Após agendar a ligação, enviamos pedido de confirmação por meio do aplicativo no dia em que se deram as entrevistas. As entrevistas se deram via plataforma Google Meet e o registro de voz foi gravado por de recurso provido na própria plataforma. Solicitamos, ainda, que as participantes preenchessem um formulário pelo Google Forms com informações gerais sobre elas e sobre a família, a fim de levantar um perfil socioeconômico e educacional das famílias das participantes entrevistadas. A cada uma das participantes foi explicado que sua identidade não seria exposta visto que as entrevistas não seriam divulgadas, assim como nenhuma informação que pudesse identificá-las.



A análise das transcrições detectou, primeiramente, os temas, por meio da recorrência dos objetos do discurso, tais como os modos pelos quais os adolescentes são descritos, como são representados e qualificados seus gostos e suas expectativas, a valoração social e subjetiva atribuída a esses últimos na comparação com as expectativas de suas mães, os efeitos da adolescência na família e a influência atribuída à religiosidade na adolescência. Esses objetos constituíram os eixos das representações. Em seguida, voltamos nosso olhar para o movimento de reformulação e paráfrase dentro de cada um desses eixos, a fim de evidenciar as representações sociais sobre cada um deles indicadas no dizer das participantes.

No tópico seguinte, passamos a discutir os resultados da análise. Ressaltamos que não identificamos em que assentamentos as mães entrevistadas moravam para resguardar ainda mais sua identificação.

## RESULTADOS

A análise das respostas no formulário do Google Forms possibilitou delinear um perfil social das famílias entrevistadas. Ao serem questionadas sobre quantos filhos adolescentes as mães tinham, elas reconheceram como adolescentes filhos e filhas na faixa etária entre 11 e 18 anos. Cerca de 70% (setenta por cento) das mães estavam na faixa etária dos 30 anos e o restante na faixa dos 40. Em relação ao nível de educação formal, X das 10 mães haviam completado o ensino fundamental, X possuíam o ensino médio e X estavam cursando o ensino superior. A grande maioria das famílias compartilham uma renda familiar de 1 a 3 salários-mínimos (X de 10), sendo que apenas 1 se disse ter renda familiar entre 3 e 5 salários mínimos. Essa informação juntamente com o número de pessoas que vivem na mesma casa – uma média de 4 a 5 pessoas dentre as 10 famílias investigadas – confirma o perfil econômico e social como pertencente a uma classe menos favorecida e, portanto, com baixa renda, e com menor visibilidade social. Como grande parte das mães mencionou na conversa preliminar via WhatsApp algum assunto relacionado à fé religiosa, incluímos no formulário uma pergunta sobre esse tema. 100% das mães entrevistadas declararam ser religiosas e frequentarem alguma igreja evangélica, o que parece repercutir na discussão que faremos das representações de adolescência mais adiante. Quanto ao trabalho fora de casa, X mães possuem algum tipo de trabalho, sendo que o mais frequente (X) é o auxiliar de serviços gerais ou diarista. Apenas duas mães declararam trabalhar em outro tipo de emprego e uma mãe não trabalha fora.

Apesar de a grande maioria das mães ter pouco acesso à informação legitimada e à educação formal, seu reconhecimento da faixa etária compreendida como sendo a adolescência se aproxima muito do preconizado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (UNICEF, 1990) e pelo Marco Legal da Saúde de Adolescentes (2007), ou seja, de 12 a 18 anos.



Quanto a esse ponto, chama a atenção que embora a adolescência oficialmente esteja reconhecida nesta faixa etária, nas classes sociais mais elevadas já se fala em um adiamento do fim da adolescência. Um artigo da BBC News Brasil (2018) cita um estudo feito por pesquisadores australianos publicado em um importante revista médica no qual é defendido que, nas gerações atuais, o alcance da faixa etária compreendida como adolescência devesse ser postergado por mais ao menos 4 anos, podendo chegar aos 24 anos. Isso porque observa-se um adiantamento do início da puberdade em países desenvolvidos e em desenvolvimento e há mudanças corporais significativas acontecendo até por volta da metade da segunda década de vida. Mas o fundamental para essa proposta foi a observação de que os jovens têm demorado mais para assumir as responsabilidades da fase adulta, concretizando, assim, a independência e a separação da família nuclear que caracteriza a passagem de uma fase para outra no ciclo vital familiar.

A proposição comentada pelo artigo da BBC News Brasil chama a atenção, porque os filhos com mais de 18 anos das famílias entrevistadas não são reconhecidos como adolescentes e, em sua maioria, já possuem algum tipo de ocupação que não a de estudante. De acordo com as mães de nossa pesquisa, o grande anseio dos adolescentes para o futuro próximo é ganhar dinheiro e ser capaz de se sustentar sozinho, comprar bens de consumo luxuosos (como celulares de última geração e roupas de grife), saírem de casa. Para tanto, eles precisam encontrar alguma fonte de renda, o que parece empurrá-los mais cedo para o mundo do trabalho e, conseqüentemente, para as responsabilidades que ele implica.

Outro ponto que chama a atenção nas respostas ao formulário é a faixa etária da maioria das mães (30 anos), um indício de que a maternidade chegou cedo e de que elas precisam lidar com situações conflituosas sem, talvez, terem recursos emocionais para enfrentá-las. Essa é uma reclamação recorrente nas entrevistas, uma vez que as mães remetem à sua própria adolescência quando falam dos conflitos que enfrentam com seus filhos, seja para dizer como eram diferentes, seja como uma tentativa de elaborar como elas também viveram essa fase conturbada, inclusive com uma gravidez precoce. Este é o maior receio das mães entrevistadas, sendo que algumas delas têm filhos ou filhas mais velhos em casa que repetiram esse padrão. Duas delas além de cuidarem dos filhos adolescentes e dos mais novos, se ocupam dos netos, o que acirra, ainda mais, os impasses familiares.

Em relação às representações de adolescência, as discutiremos agrupadas em quatro eixos: 1. O que é a adolescência; 2. A realidade dos adolescentes e as expectativas de suas mães; 3. Efeitos da adolescência na família; 4. Adolescência e religião. O estabelecimento desses eixos foi possível pois, ao falar de seus filhos adolescentes e de sua dinâmica familiar, as mães participantes da pesquisa se valeram da produção do discurso familiar social sobre a adolescência, mas, também, evidenciaram como esse discurso é significado subjetivamente na experiência que cada uma tem de mãe de adolescente.

Percebemos a dificuldade das mães entrevistadas para definir uma fase que para grande parte dos pais é indefinível. Para alguns, a complexidade da definição de adolescência pareceu se refletir na opção para responder à pergunta da entrevista “Na sua opinião, o que é adolescência?” A resposta muitas vezes veio em forma de narrativa e descrição sobre o que os filhos e filhas adolescentes faziam. Assim, percebe-se que as mães aportam certo imaginário socialmente reconhecido dos comportamentos dos adolescentes como uma explicação do que seja essa fase da vida.



Semelhantemente, várias delas, diante da mesma pergunta, resumiam sua resposta com o termo “aborrescência”, sempre entrecortado por risos. Adjetivos como “complicada” e “difícil”, bem como o advérbio “assim” são recorrentes para qualificar essa fase, denotando uma imprecisão de sentidos. Entretanto, ao discorrer sobre o que os adolescentes gostam e sobre como se tornaram “assim”, as mães especificam outros adjetivos e elementos que representam a adolescência para elas: a inconstância (“um dia está de um jeito; noutro, tá de outro”), a rebeldia (“eles não escutam; fingem não escutar”), a introspecção na família (“ela responde com o básico”; “fica no mundinho dele”), a busca por individuação (“não contou pra nós, contou pros outros”), o apego à comunicação virtual possibilitada pelo celular (“só fica no celular”), a obstinação (“eles querem ter uma atitude diferente, querem ter opinião própria”), o questionamento (“muito questionadora”, “a mãe nunca entende, mas eu sei que ela vai quebrar a cara”), a dependência da aprovação do grupo (“querem imitar a atitude das amigas”), a ambição por objetos de consumo (“só pensam no celular mais novo que saiu e que querem ter”), a preguiça (“não quer ajudar, só fica no celular”). Majoritariamente o dizer das mães sobre os filhos e filhas adolescentes delineia uma representação de adolescência atrelada a uma imagem negativa e problemática.

Entretanto, quando questionadas sobre o que admiram nos adolescentes, as mães, ainda que bem mais sinteticamente, evidenciaram em suas respostas outros sentidos que agregam a essa representação. A coragem, inteligência, curiosidade, força de vontade “de ter as coisas”, alegria, sagacidade, o conhecimento e o quanto eles sabem mais do que os próprios pais sobre alguns assuntos, inclusive sobre a sexualidade, como citado por uma das mães. Apenas uma mãe não soube explicitar algo que aprecia nos adolescentes. Embora a dificuldade em encontrar aspectos valorizados socialmente para definir a adolescência possa indicar o peso dos conflitos e impasses sobre a percepção de seus filhos e filhas e sobre a relação familiar, esses adjetivos apontam para o potencial reconhecido dos adolescentes de desenvolverem-se em adultos respeitáveis e admiráveis. Poderia, ainda, remeter ao desejo e expectativas não realizados das mães para si mesmas, já enunciados como “eu não tive essa oportunidade”; “quando eu era adolescente a coisa era muito diferente” foram recorrentes nas respostas. Logo, é possível que um dos incômodos que a adolescência causa na família é a constatação dos pais de que seus filhos e filhas realizam coisas e conquistam liberdades que inconscientemente, talvez, os pais e mães desejassem ter alcançado ou realizado, conforme preconiza Calligaris (2000).

Analisar o impacto das expectativas maternas sobre seus filhos e filhas adolescentes mostrou-se relevante para a compreensão da incongruência entre certa idealização constitutiva do ideário materno e a inerente contestação necessária para que o/a adolescente se torne adulto. O imaginário sobre os adolescentes afeta diretamente os modos como os membros da família se relacionam, na medida em que fornece uma matriz de sentidos que provê recursos simbólicos influenciadores das ações e relações entre os membros das famílias. As expectativas das mães entrevistadas sobre a adolescência consolidam alguns sentidos conferidos à adolescência pelo senso comum, constituem uma instância de alteridade por meio da qual as mães podem ressignificar a adolescência, ou, ainda, indiciam as frustrações ou perspectivas quanto aos ideais estabelecidos pelas mães em relação aos filhos e filhas. Neste tópico, trazemos os resultados da análise das respostas às questões 5, 6, 11, 12 e 14, majoritariamente, todas elas relacionados a esse tema.



As respostas a essas questões são compostas frequentemente por modais deônticos no futuro do pretérito (deveriam, precisariam, teriam de, dentre outros), o que produz o efeito de sentido de algo esperado e necessário, mas que não se efetiva. Assim, o mau uso do tempo, a permanência e a exposição considerada exagerada em interações virtuais, em redes sociais ou no celular, a interação fora de casa considerada escassa, o interesse demasiado em festas e namoros por parte dos adolescentes são verificações que as mães contrapõem às expectativas de que os adolescentes estudassem mais, conseguissem um trabalho “digno”, colaborassem mais com as tarefas domésticas, respeitassem a autoridade dos pais e mães.

Todas as mães entrevistadas enxergam na educação formal a única chance de que seus filhos e filhas tenham uma vida melhor e não repitam alguns dos “erros” que elas consideram terem sido prejudiciais para que tivessem uma “vida melhor”, como uma gravidez precoce, por exemplo. Três delas acrescentaram à educação as boas amizades como condição para um futuro com mais oportunidades. Entretanto, 8 das 10 mães se exasperam porque não reconhecem nos adolescentes a força de vontade e a dedicação que gostariam que tivessem. Somente três mães atribuíram a um dos filhos ou filhas esse mérito e responderam com segurança que eles conseguiriam chegar ao Ensino Superior, uma das expectativas mais recorrentes nas entrevistas, ou conseguir um trabalho melhor e, assim, ter um futuro mais promissor, segunda maior expectativa das mães.

Quando perguntadas acerca do que elas imaginavam que seus filhos e filhas adolescentes esperavam do futuro, as mães, em alguns casos, mencionaram expectativas que contradiziam o perfil de procrastinação e irresponsabilidade atrelado à adolescência. Várias delas mencionavam que as filhas tinham o sonho de estudar, ser independente financeiramente, se tornarem empresárias (“ter uma empresa de maquiagem”, por exemplo) constituir família e ter sua própria casa. Quanto aos filhos, a expectativa mais citada pelas mães seria a de ter bens de consumo como o carro próprio e um emprego com um alto salário. Chamou a atenção que grande parte das mães gostaria que as filhas adolescentes não “dependessem de homem”, conseguissem se realizar profissionalmente, algo do que as progenitoras se queixam, pois não reconhecem como tendo alcançado. Observamos, ainda, em algumas respostas que há um desejo não confessado, mas implícito, de que ao se tornarem homens e mulheres, os adolescentes colaborassem financeiramente em casa.

Ainda cabe ressaltar que as respostas das mães sobre o que seus filhos e filhas esperam do futuro (pergunta 14) se mostraram variadas. Houve uma significativa recorrência de uma representação de que as adolescentes querem se casar e constituir família, além de terem um trabalho reconhecido e da realização profissional, embora o trabalho esteja atrelado a ocupações tradicionalmente relacionadas ao gênero feminino, tais como “ter uma empresa de maquiagem”, “trabalhar em escritório”. No nível do discurso, percebe-se que quando se referem às expectativas que elas possuem em relação às filhas adolescentes, as mães falam primeiramente do mundo do trabalho e do estudo. Mas quando falam das expectativas que julgam que suas filhas têm para o futuro, grande parte das mães coloca o casamento e a família em primeiro lugar, relegando o estudo e o trabalho para um segundo plano.



Quanto aos filhos adolescentes, as mães acreditam que eles se concentram em adquirir bens materiais ou alcançar a fama, normalmente relacionada a ser um jogador de futebol. Produtos como “um carrão”, “roupa de marca”, “celular último modelo” foram citados como sendo as expectativas que os adolescentes têm para o futuro. Se o estudo e a educação são tidos como viabilizadores de alguma transformação e ascensão social, como já mencionado, essas expectativas reputadas aos rapazes parecem apontar para certo descrédito de parte das mães de que seus filhos preencham suas expectativas em relação a eles. Semelhantemente, a incongruência entre o que algumas das mães esperam dos filhos e o que imaginam que eles queiram alcançar no futuro pode aumentar a distância entre eles e dificultar o relacionamento.

## DISCUSIÓN

A importância do conceito de representação social para este trabalho reside em seu caráter informativo sobre os sistemas de valores, crenças e sentidos socialmente construídos sobre a adolescência. Compreender os diferentes modos como as famílias interpretam a fase da adolescência no ciclo vital é fundamental para a perspectiva sistêmica, pois esclarece os tipos e funcionamentos de relações entre os membros e o meio no qual se inserem nesta fase tão delicada. Afinal, de acordo com Relvas (2002), as famílias se definem conforme significam as relações interpessoais. Nesse sentido, uma das formas de compreensão e análise sistêmica da família consiste no cotejamento do eixo temporal da continuidade e da história familiar, sendo a adolescência um evento complexo e multifacetado que marca invariavelmente a dinâmica do ciclo vital.

Na mesma direção, importa considerar os objetivos entendidos como relevantes no contexto sociocultural e histórico no qual se insere a família. Eles norteiam em grande parte as funções primordiais do sistema familiar, a saber, a função interna, que visa desenvolver e proteger seus membros; e a externa, que provê meios de socialização e adequação aos seus integrantes, além da transmissão dos valores e princípios não só do núcleo familiar, como, também, da cultura (MINUCHIN, 1982). Conversar com as mães de adolescentes de famílias de baixa renda e pouca visibilidade social permitiu levantar-se e discutir alguns desses objetivos estabelecidos socialmente e como eles são ressignificados dentro do núcleo familiar.

A história familiar, bem como o conjunto de crenças e valores que sustentam as famílias entrevistadas foi o eixo escolhido para formular o roteiro da entrevista semiestruturada. As interações entre os membros resultam em histórias e narrativas sobre si e sobre a família que organizam e conferem sentidos às experiências (LION, 2017). Ao propiciar um espaço para que mães de adolescentes de famílias de baixa renda e pouca visibilidade social pudessem expor suas perspectivas sobre essa etapa do ciclo vital, buscamos prover uma escuta sobre como elas entendem sua família enquanto uma construção social, que sentidos lhe atribuem, como representam sua família e a família em geral, as expectativas e valores sociais que prezam, os modos como descrevem os elos e as fronteiras que estabelecem com seus filhos adolescentes. Em assim fazendo, corroboramos o pressuposto de que a família é “uma construção social elaborada a partir dos significados que lhe atribuem os seus elementos e que são co-construídos através do discurso, ao longo do tempo e num determinado contexto” (BEJA, 2010, p.735). A fim de fazer essa discussão, elegemos as representações sociais como categoria de análise das entrevistas que geraram este artigo.



Coube a Moscovici (1978) cunhar primeiramente essa noção no âmbito das Ciências Humanas, particularmente na Psicologia Social. Seu trabalho continua sendo uma referência até hoje, tendo recebido, inclusive, influências das teorias da comunicação e do dialogismo bahktiniano (MAKOVÁ, 2017).

As representações sociais se referem às diversas formas de ressignificação do conhecimento e às relações do indivíduo com a sociedade. Moscovici (1978) defende que no processo de representar os objetos e eventos do mundo, o sujeito articula o social ao psicológico, uma vez que o indivíduo não é apenas um produto determinado pelo meio em que vive, mas possui papel ativo e autônomo na construção da realidade social. Nesse sentido, as representações sociais são um instrumento de compreensão e de transformação da realidade, uma vez que são expressas por conjuntos de conceitos, frases e explicações que resultam de formas diferentes de compreender um determinado objeto, evento ou fenômeno. Entretanto, elas não são consideradas uma forma de reprodução da realidade, mas uma forma de interpretá-la.

As representações sociais podem ser evidenciadas por meio da discursivização sobre o objeto que representam, pois se referem a fenômenos “cujos aspectos conhecemos e cuja elaboração podemos perceber através de sua circulação através do discurso, que constitui seu vetor principal” (MOSCOVICI; VIGNAUX, 2007, p. 213). Daí seu caráter maleável, pois o permanente trabalho social que as (re)cria se dá na e por meio da linguagem e do discurso.

As mães entrevistadas sobre as representações de adolescência desvelaram os modos como a compreendem, como significam as posições de onde enunciam e são interpeladas pelos discursos que as cercam sobre o tema nas respostas ao roteiro da entrevista semiestruturada. Entretanto, ao mesmo tempo em que são afetadas pelos discursos circulantes no âmbito sociocultural sobre a adolescência, essas mães deixaram flagrar nas representações sociais o atravessamento da subjetividade que compõe a significação a elas atribuídas. Na medida em que as palavras não conseguem esgotar a significação em um único significado, há uma busca permanente pelo sentido, expressa pela discursivização sobre o tema.

Desse modo, considerando o trabalho basilar de Moscovici (1978) e as elaborações que faz dele Maková (2017), bem como apostando na dialogicidade e na alteridade que atravessam todo e qualquer processo discursivo (BAKHTIN, 1997), as representações sociais se constituem heterogeneamente de vozes discursivas ditas antes e em outros momentos da história, por meio das produções languageiras. É de palavra em palavra, enunciado em enunciado que se dá a atividade de representar o que é perceptível e possível de significar da construção imaginária da realidade. Por esta razão, a representação se constitui nos processos de reformulação e paráfrase do dizer, nas recorrências do dizer sobre o mesmo objeto do discurso. Longe de ser homogênea, constitui-se na contradição, na hesitação, na repetição e na heterogeneidade das vozes, do já-dito. A recorrência de formulações no dizer sobre a adolescência nos forneceu os indícios que delinearão as representações discutidas neste artigo.

Discutimos o eixo de representações de adolescência. Como desdobramento, sentimos a necessidade de abordar a representação de vida familiar no ciclo Família com Filhos Adolescentes.



Embora todas as mães tenham reconhecido uma mudança drástica de seus filhos e filhas na adolescência, algumas mães ressaltam a ajuda que alguns deles provêm, seja cuidando esporadicamente dos filhos menores, seja no cuidado que passam a ter por elas. Inegavelmente, a chegada à adolescência acaba por impor certas responsabilidades e a possibilitar que essas mães demandem maior cooperação com algumas das tarefas da casa. Quase sempre a assunção a essa responsabilidade não se dá sem protestos, reclamações ou procrastinação. Diante dessas reações, algumas das mães entrevistadas relatam sentimentos de desvalorização de sua pessoa, ressentimento, mágoa ou raiva pelo que elas acreditam ser desrespeito e insubordinação. Outras relatam a satisfação diante do envolvimento dos adolescentes com os estudos, com as iniciativas em fazerem cursos, aprender um ofício ou conseguir um trabalho.

Outro efeito discursivizado pelas mães é o isolamento dos adolescentes em seus quartos, celulares ou a introversão e quietude que passaram a apresentar. Há uma queixa recorrente quanto a falta de diálogo, a resistência dos adolescentes em participar das dinâmicas da família nuclear e mais ampla. Esse mundo secreto da adolescência muitas vezes é deixado de lado pelas mães por não saberem como lidar com ele ou por não terem tempo ou recurso emocional para se importarem. Entretanto, são comportamentos na escola ou na comunidade mais próxima que acendem o sinal vermelho para as mães e provocam grande angústia, como a filha que começa a apresentar automutilação, o filho que começa a beber ou a usar algum outro tipo de substância aditiva. Questões como essas são de conhecimento das mães entrevistadas e são até esperadas por elas. Porém, quando começam a viver essa realidade em casa, elas se angustiam e gostariam de contar com ajuda.

Uma recorrência nas respostas, foi o valor reputado à disciplina, vigilância e cuidado especial das famílias durante a adolescência de seus filhos e filhas. A totalidade das mães queixou-se da exposição dos adolescentes ao celular, do tempo devotado a ele, reconhecendo o perigo ele representa devido à dificuldade de controle do conteúdo e do que os adolescentes fazem com o aparelho. Entretanto, cerca da metade das mães afirmou exercer ações limitantes e de vigilância quanto a esse quesito. As mesmas mães manifestaram preocupação quanto aos amigos e amigas dos filhos e filhas, ao que faziam na rua, ao horário que voltavam para casa. Assim, percebe-se a representação de que os adolescentes precisam de limites e de que a família precisa exercer essa função, embora nem sempre as mães entrevistadas reconheçam alcançar êxito nessa tarefa. Conseqüentemente, esse é outro ponto de conflito tanto entre mães e filhos e filhas, como gerador de culpa nas mães, por não sentirem que estão cumprindo seu papel.

Um último efeito percebido nas entrevistas é a disputa pelo poder. Como as mães percebem os adolescentes como pessoas que “só querem curtir, festar”, que pensam ter o controle de suas próprias vidas, mas não tem a maturidade nem a responsabilidade para isso, as famílias vivem uma tensão constante, muitas vezes expressa em discussões acaloradas ou um abuso de autoridade por parte das mães.

Todas as mães entrevistadas declararam seguir algum tipo de religião e, quando responderam ao formulário informativo marcaram que eram de alguma religião evangélica. Há uma unanimidade nas mães entrevistadas quanto à função educadora da religião e da igreja e algumas chegam a demandar que a igreja agisse mais concretamente a família nesta fase. Os elementos mais valorizados são as amizades, a presença e influência masculina de membros mais velhos, as atividades coletivas e, principalmente, a preleção de conteúdos considerados educativos ou formadores.



As amigas são fundamentais para as mães, já que veem “as más companhias” como um dos grandes perigos na adolescência. Elas percebem as igrejas como um ambiente no qual os adolescentes podem estar mais livres e conviver em grupo com mais segurança. Quanto à importância dada aos homens, ela pode ser entendida pela ausência do pai na maioria das famílias entrevistadas. Apenas 2 das 10 mães se declarou casada e morando junto com o pai dos filhos e filhas adolescentes. As demais, ou estavam sozinhas, ou no segundo ou terceiro relacionamento, ou, ainda, se estavam casadas, reclamavam da ausência do pai tanto física como afetivamente. No que concerne a função educadora da igreja, as mães manifestaram a esperança de que assuntos normalmente pouco ou nunca abordados em casa pudessem ser discutidos na igreja, como a influência das “más companhias”, drogas, sexo e gravidez precoce, uma vez que as mães reconhecem que sua esfera de influência na adolescência diminuiu ou que elas não se sentem preparadas para tratar destes assuntos. Há, ainda, a representação de que os ensinamentos da igreja são positivos, pois contribuem para uma melhora comportamental dos adolescentes.

Por último, porém não menos recorrente, há o aspecto da entrega para a ordem da transcendência aquilo que as mães não poderão jamais entender, controlar ou mudar. Assim, “se os pais levam pra igreja, Deus vai falando e algo vai mudando”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho discutiu as representações sociais de adolescência de famílias com baixa renda e pouca visibilidade social, da perspectiva das mães que assumem a função de cuidar dos filhos e filhas. No início da pesquisa piloto, a hipótese eleita foi de que, por terem menos acesso a um conhecimento mais especializado sobre a particularidade da adolescência e decorrentes necessidades de seus filhos devido às condições de vida, a distância entre mães e filhos e filhas adolescentes seria intensificada, podendo aumentar as possibilidades de desvios de comportamento, como já mencionado na introdução. Contrariamente à essa hipótese, a análise das representações sociais das mães entrevistadas demonstrou que o sistema representacional de adolescência em muito se assemelha ao imaginário social sobre essa fase do desenvolvimento, conforme apontarei nessas considerações que intencionam alinhar a análise.

Primeiramente, sobre a representação de adolescência, embora tenha havido uma dificuldade das participantes de elaborar uma definição, as narrativas sobre como os filhos e filhas adolescentes se comportam, as expectativas que as mães imaginam que eles e elas tenham para o futuro e sobre os gostos e passatempos preferidos apontam para duas imagens conflitantes. Por um lado, corroboram a imagem de liberdade desenfreada, irresponsabilidade e imaturidade social. Por outro, remetem ao campo das oportunidades ilimitadas, da força, determinação, coragem, predicativos que parecem características compartilhadas sobre a adolescência.

Em segundo lugar, o valor reputado à educação como chave para o sucesso no futuro e para “uma vida melhor” do que aquela que suas mães vivem remete, também, para o imaginário social quanto à relevância da educação para as gerações mais jovens, independente de nível social ou econômico. A diferença quanto às expectativas reputadas aos adolescentes quanto ao futuro se dá em relação ao gênero (masculino ou feminino) e dependendo da perspectiva pela qual são enunciadas. Chamou a atenção que algumas mães representam como prioridade do futuro das filhas casar e constituir família enquanto, quando enunciam projetando-se na posição das moças, vislumbram para elas a realização



profissional em primeiro plano. Em relação aos rapazes, a prosperidade econômica está sempre a frente nas expectativas. Essa diferença pode acenar para a manutenção de uma visão centrada no patriarcalismo nessas famílias, o que parece proceder, já que, em várias famílias, o marido ou o pai continua sendo uma figura almejada ou, algumas vezes, temida, como enunciado por alguns participantes da pesquisa. Outro efeito de sentido dessa diferença pode assinalar a importância atribuída à mulher como guardiã e mantenedora dos elos afetivos e familiares nessas famílias, uma vez que os pais são percebidos por 8 dentre as 10 participantes como ausentes.

As famílias entrevistadas vivem os conflitos resultantes da desestabilização da adolescência tanto quanto qualquer outra família, independentemente de seu nível social. O que se altera parece ser alguns dos pontos em torno dos quais os conflitos se dão, bem como a natureza de algumas das expectativas em relação ao futuro dos adolescentes. Percebe-se que a transição para uma outra fase do ciclo vital marcada pela adolescência representa uma mudança inevitável nas relações do sistema familiar. Consequentemente, há uma demanda de flexibilização das fronteiras entre os subsistemas e entre o núcleo familiar e o exterior. Invariavelmente, a mudança gera uma crise que pode ser vista como um elemento desestabilizador complexo, mas transitório, que imprime ao sistema familiar a passagem de uma determinada dinâmica entre as relações para outra.

A resignificação dessa experiência depende muito da aceitação dos conflitos e da impotência dos pais. Outro fator importante é a compreensão dos pais quanto à perspectiva que o adolescente tem sobre si, sobre a família e sobre o mundo nesta etapa de sua vida, para que os laços familiares se fortaleçam e o adolescente possa desenvolver a autonomia, a consolidação da imagem de si. Esse conjunto aliado a outras variáveis sociais, como a aceitação dos grupos, por exemplo, é fundamental para o amadurecimento do adolescente e seu ingresso no mundo dos adultos de modo responsável.

Entender como a família representa a si e a cada um dos elementos do sistema, no caso deste trabalho, como as mães representam seus filhos e filhas adolescentes no campo social mencionado, permite expandir a visão sobre os padrões de comportamento e os jogos relacionais que geram a dinâmica familiar. As representações sociais de adolescência nas famílias menos favorecidas e de pouca visibilidade social fornecem elementos valiosos para entender as crenças implícitas ou explícitas, as regras os valores, a cultura das relações familiares característica desse contexto social. Consequentemente, este entendimento contribui para ações de intervenção terapêutica tanto no âmbito familiar, coletivo ou individual informadas.

Por fim, revisitando as representações sociais discutidas neste artigo, alguns pontos deste estudo mereceriam aprofundamento em pesquisas mais detalhadas e com uma amostragem maior.

O primeiro refere-se aos modos como a adolescência é compreendida por mães ou famílias de classes sociais muito discrepantes. Conforme abordado sobre a faixa etária compreendida como adolescência no tópico 3, uma questão a ser discutida é se o fato dos adolescentes de classes menos favorecidas e com menor visibilidade social iniciarem no mercado de trabalho mais cedo para ter condições de comprar o que desejam ou porque assumiram uma família devido a uma gestação precoce força o término da adolescência e a mantém dentro da faixa etária esperada de 18 anos. Contrariamente, se em classes sociais mais abastadas, a falta desses fatores contingentes poderia ser um fator determinante para que a adolescência se prolongasse.



O segundo seria a diferença de expectativas dos pais e mães em relação ao futuro dos adolescentes de diferentes níveis sociais. A condição econômica, o nível de escolaridade da família e o ambiente em que vive representam uma diferença significativa quanto às expectativas das famílias em relação aos adolescentes? Essa é uma questão importante, na medida em que o grau de atendimento das projeções que os pais fazem de seus filhos e filhas pode amenizar ou intensificar o conflito geracional, impactando as relações familiares. Afinal, “Quanto maior a ansiedade gerada na família em qualquer ponto de transição, mais difícil será a transição” (CARTER; MCGOLDRICK, 2001, p. 12).

Essas colocações sugerem o aprofundamento de pesquisas mais estruturadas e com uma maior amostragem que possam informar melhor terapeutas familiares e demais profissionais quanto aos sistemas de crenças e valores relacionados a uma fase tão crítica para o desenvolvimento humano e para o ciclo vital familiar.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BEJA, M.J.P. Adolescência: do indivíduo à família. *International Journal of Developmental and Educational Psychology. Psicología positiva y ciclo vital*. n.2, pp.733-724, 2010. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3498/349832325076.pdf>. Acesso em 28 fevereiro, 2022.
- BRASIL. *Marco legal: saúde, um direito de adolescentes*. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.
- BUCCI, P. Adolescência, adolescente e novas representações do sistema família. *Revista brasileira de Terapia Familiar*, v.9, n.1, p.122-138, nov.2020.
- CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- CERVENY, C. M.O.; BERTHOUD, C. M. E. Ciclo vital da família brasileira. In: OSORIO, L. C., PASCUAL, V.M. E. et al. *Manual de Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 25 – 37.
- FÁVERO, E.T.; VITALE, M.A.F.; BAPTISTA, M.V. *Famílias de crianças e adolescentes abrigados: quem são, o que pensam, o que desejam*. São Paulo: Paulus, 2009.
- FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LION, Camila Martins. Caminhando no contexto das práticas colaborativas e narrativas: experiências profissionais transformadas. *Nova perspectiva sistêmica*. Rio de Janeiro, n. 57, p. 21-36, abr. 2017.
- MARKOVÁ, I. A fabricação da teoria de representações sociais. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 47, n. 163, p. 358-375, mar. 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742017000100358](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742017000100358). Acesso em 28 fevereiro, 2022.



- MINUCHIN, S. *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Trad. por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSCOVICI, S.; VIGNAUX, G. O estudo das representações sociais: uma nova epistème. In: MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 5a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 212-250.
- ORNELLAS, M. L. *(Entre)vista: a escuta revela*. Salvador: Editora EDUFBA, 2011.
- RELVAS, A. P. A mulher na família: “Em torno dela”. In: RELVAS, A. P.; ALARCÃO, M. (Orgs.). *Novas formas de família*. Coimbra, Pt: Quarteto Editora, 2002. pp. 298-340.
- SILVA, E.A.R. Um estudo sobre o ciclo vital da família paulista de baixa renda. 2003. 167 fls. *Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica)*. Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.

*Submetido em abril de 2023.*

*Aprovado em dezembro de 2023.*

**Informações do(a)s autor(a)(es)**

Carla Nunes Vieira Tavares

Universidade Federal de Uberlândia

E-mail: [carlatav@ufu.br](mailto:carlatav@ufu.br)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3374501725288665>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5156-0150>